

História  
&  
Lugares

Praia Grande





## Ficha técnica

Prefeitura da Estância  
Balneária de Praia Grande

Secretaria de Governo  
Subsecretaria de Assuntos da Juventude

### Pesquisa

:: Centro de Memória da Educação

### Texto

:: Monica Solange Rodrigues e Silva

:: Rafael da Silva e Silva

### Arte Grafite

:: Edgar Vieira (Pesado)

:: José Roberto Dantas (Beto)

:: Leandro Shesko (Shesko)



PRAIA GRANDE

Lists to



you

Uma Cidade com uma rica história e uma trajetória de desenvolvimento e inovação. Praia Grande se tornou sinônimo de planejamento e realizações, o que justifica o grande crescimento populacional, que nos fez idealizar um projeto que, além de resgatar essa história, ainda a conservasse e a levasse ao conhecimento dos munícipes e visitantes com uma linguagem atraente.

O projeto Histórias e Traços de Praia Grande integra o antigo ao novo, o mais idoso ao jovem, com imagens do passado registradas através do presente: a arte urbana que atrai a atenção dos moradores mais antigos, por relembrares momentos vivenciados por eles, e dos mais novos, que muitas vezes em um primeiro momento são atraídos pelas imagens e acabam se interessando e aprofundando-se na história do Município. Caminhar nos 103 metros de imagens é como entrar em uma máquina do tempo.

Senti grande emoção ao ver o quão real ficou a reprodução dessas figuras. É emocionante reviver momentos em que pude participar e mais ainda, de reconhecer fatos que até então só conhecia por meio de escrituras e de conversas com os que os viveram.

Valorizar a nossa história, o nosso povo e as belezas de nossa Cidade, sem esquecer tudo que passamos para chegar onde chegamos, faz parte do processo de autoconhecimento de cada um e é de extrema importância para nosso crescimento como seres humanos cada vez melhores.

Por isso, nessas linhas, deixo registrada aqui a minha vontade de se preservar a história e se consolidar o moderno, uma parceria que rende bons frutos. Sendo assim, convido a todos que conheçam melhor cada pedacinho, cada traço e cada imagem registrados nesse espaço.

Alberto Mourão

o r i a

o r i a

Quando idealizamos o projeto Histórias e Traços de Praia Grande nosso intuito foi de promover a cultura popular, valorizando o artista local e ainda registrar momentos importantes na história de nossa cidade. O local estratégico, bem na entrada do Município, tornou a arte ainda mais visível.

Mais do que um muro com desenhos, o Espaço abriga em si parte da história de nossa Cidade. Essas 32 imagens de arte em grafite, que compõem os 103 metros de muro, têm um valor cultural muito grande pelos fatos históricos que representam, elas nos remetem a um tempo em que o desenvolvimento era ideologia, passando por diversas fases de nossa Cidade até a consolidação do crescimento ordenado em que estamos.

Locais, personagens e situações reproduzidas traço a traço, minuciosamente expressados de uma forma tão criativa nos mostra que mais do que uma Cidade planejada, somos uma Cidade em franco desenvolvimento, à frente de seu tempo.

Maura Lígia Costa Russo

to or



O convite para trabalhar junto a Secretaria de Assuntos da Juventude no projeto História e Traços de Praia Grande significou à equipe do Centro de Memória da Educação (CME) um novo e empolgante desafio, pois junto ao trabalho histórico e educacional, o projeto dialoga com a linguagem artística voltada ao público jovem. Como, em um único projeto, propor o diálogo entre a história da cidade de Praia Grande e a arte grafite, sem deixar de lado a estética da arte, a educação e a cidadania?

O levantamento de imagens partiu de pesquisas realizadas pela comissão no acervo público do Museu da Cidade, livros e sites da internet, como o HistoriadorPG, e no acervo do próprio CME. Foi produzido um banco de imagens dividido pelos temas: pessoas, caminhos, urbanização e pontos turísticos. A partir de então, se discutiu quais imagens esteticamente seriam mais adequadas à arte grafite dentro dos quarenta e dois espaços distribuídos ao longo de 103 metros de muro, em uma via expressa, destinada ao trabalho dos artistas. Considerou-se também, o fluxo contínuo de veículos e pedestres que circulam diariamente pelo local. Sem deixar de lado a temática proposta pelo projeto.

O maior desafio para a equipe foi selecionar um número reduzido de imagens dentro de tantas belas fotografias levantadas pela comissão sobre a história da cidade e, ao mesmo tempo, apresentar as transformações urbanas em diálogo com o cidadão observador, desafiando-o ao questionamento sobre as identidades locais, ao desenvolvimento urbano da cidade e as mudanças e permanências do município ao longo do século XX até os dias atuais.

Assim, as linhas que se seguem neste livro não têm a pretensão de fazer um grande e rigoroso levantamento histórico sobre a história da cidade, mas sim provocar ao leitor observador no tocante as suas memórias a relação com o espaço urbano, independente da idade. Nesse ponto, talvez, esteja o mérito do projeto em trabalhar com a arte grafite atrelando-a a história local por meio de imagens históricas da cidade de Praia Grande. O resultado final foi um trabalho de estética ímpar, de valorização da história e a cultura de Praia Grande; ao mesmo tempo em que faz um convite à reflexão sobre memórias individuais e coletivas.

# História e Traços de Praia Grande

O projeto HISTÓRIA E TRAÇOS DE PRAIA GRANDE, busca registrar a história da cidade por meio de imagens representativas do cotidiano, das permanências e transformações do espaço urbano e sua relação com a comunidade local, a dimensão histórico-social da estética contemporânea e sua apropriação pela coletividade nas identidades que se revelam.

Consideramos que o encontro da arte grafite com a história, neste espaço público e dinâmico que é a rua, coletivo e ao mesmo tempo individual, proporcionará a possibilidade de refletir sobre a pluralidade cultural e a riqueza do cotidiano da cidade, as transformações e interferências sócio ambientais ocorridas através do tempo, sobre as pessoas e suas relações com seu local. Cada imagem traz um esforço de reconstruir a memória, o ritmo e a característica própria da população.

O Grafite, representação da arte urbana, utilizando os muros como suporte a dizer: "Eu existo, eu sou tal, eu habito esta e aquela rua desta cidade, eu vivi e vivo aqui, ontem e agora".

Fica a certeza de que alguém, em algum lugar, em qualquer momento, estará produzindo não apenas um traço, uma marca, mas a nossa memória.

Arte e  
História,  
Arte Urbana  
e Memória,  
Sujeitos e  
Traços, Signos  
e Representações

Os primeiros traços e símbolos datam do paleolítico, Arte Rupestre é o nome que se dá ao mais antigo traço da história, registros das primeiras lembranças, marcas das primeiras tentativas do ser humano de perpetuação dos sentidos, do pertencimento a um determinado tempo e espaço. Cada traço traz um esforço específico de reconstrução da memória.

Na contemporaneidade, as marcas urbanas das relações do homem com seu ambiente social, signos e significados, os recursos simbólicos, as representações e contestações, estão presentes nas dinâmicas da cidade, entre outras formas de expressão artística, na arte do grafite.

Arte como forma de compreender e se ver no mundo, na estética urbana, na consciência de si e da realidade de seu grupo social, a arte das manifestações cotidianas que começam a ser desveladas pela educação do olhar, pela percepção do entorno, do urbano e seus contrastes.

História/  
Arte/Cidade,  
significados  
e significantes,  
sujeitos e traços,



Figura 1 - População indígena local.  
FONTE: Museu da Cidade.

Partiu-se do recorte temporal do início do século XX, a população indígena do litoral, representada simbolicamente por uma mulher índia amamentando seu filho, trazendo a reflexão sobre gênero, etnia e território. Esta imagem, retirada de um cartão postal, datado do início do século passado não foi selecionada aleatoriamente, mas sim, e principalmente, para discutir e desconstruir os discursos de superioridade de raça e gênero, ainda presentes no imaginário social; vislumbrando uma realidade mais profunda, além das ideologias construídas ao longo do século XX por meio dos documentos oficiais.

Antes da construção da Ponte Pênsil, ou seja, por cerca de quatro séculos, o rio Peaçabuçu foi a principal via de acesso à Praia Grande e, conseqüentemente, ao litoral sul em geral. Seu nome tem origem indígena e, por muito tempo, Peaçabuçu foi referência nos mapas antigos para denominar a região de Praia Grande. Em alguns documentos antigos aparece também como Peabuçu ou Piaçabuçu.





Figura 2 - Rio Peçabuçu.  
FONTE: Museu da Cidade.

Durante o período colonial, a praia era o acesso principal ao litoral sul, utilizado principalmente pelos Padres Jesuítas na intenção de catequização dos aldeamentos indígenas presentes ao longo do caminho, chegando até o atual município de Peruíbe, onde estão localizadas as ruínas do Abarebebe, antiga igreja erguida com propósitos de catequização de índios.

Após percorrer parte do caminho pelo Peçabuçu, passando pelo Caminho do Rei, atual "Portinho", os padres jesuítas continuavam por toda a orla de praia que segue em direção Sul. Assim, os artistas utilizaram da "licença artística" e ilustraram o vulto do Padre Anchieta no caminho percorrido por ele.



Figura 3 - Caminho do Rei.  
FONTE: Museu da Cidade

A arte grafite, ao juntar a bela índia amamentando seu filho e as representações do antigo caminho hidroviário do rio Peaçu e do Caminho do Rei, revelam as profundas mudanças que a paisagem e sua gente sofreram ao longo do tempo e os impactos dessas transformações para a cultura praiagrandense. As primeiras imagens dos caminhos percorridos pela população nativa trazem uma reflexão sobre as relações e interações ocorridas nesses espaços, tais como as andanças dos padres jesuítas e a catequização dos aldeamentos do litoral.









# Fortaleza Itaipu

A imagem representa o acesso, pela praia, à Fortaleza de Itaipu. Construída em 1909, com a finalidade de defender a entrada do Porto de Santos, em substituição à Fortaleza de Santo Amaro, que em fins do século XIX foi considerada obsoleta. A posição geográfica da Ponta de Itaipu é privilegiada por sua importância estratégica além de estar rodeada por belas paisagens naturais. Sua presença incorporada a paisagem da cidade vai além do seu valor como edificação militar. Representa um símbolo de identidade com a população.



Figura 4 - Portal das armas  
Fortaleza Itaipu.  
FONTE: Museu da Cidade.

Do Tupi Guarani:  
Itá= pedra  
I= água  
Pu= estrondo.

“ O vento forte que soprava na orla marítima  
Formava imensas ondas que,  
Na arrebentação, Transformavam-se num  
Extenso lençol espumoso  
Sobre os rochedos.  
Os índios chamavam a isso...Itaipu”  
(Costa e Silva Sobrinho)





# Ponte Pênsil e a Pergola

Construída em 1912, a instalação da Ponte Pênsil teve por finalidade conduzir os esgotos da cidade de Santos para a praia de Itaipu, em Praia Grande. Parte integrante do projeto de saneamento chefiado pelo engenheiro Saturnino de Brito que tinha por objetivo combater as epidemias que assolavam a cidade santista.

Acabou se tornando, durante muito tempo o único acesso terrestre a cidade de Praia Grande.

Com a construção da Ponte Pênsil, os dutos durante muito tempo, transportaram o esgoto da cidade de Santos pela Avenida do Saneamento, atual Avenida Marechal Mallet. Heitor Sanches, loteador do Jardim Matilde, preocupado com a estética local, instalou as pergolas, que contrastavam sua beleza com o real objetivo da via de transporte do esgoto.

Atualmente, as pergolas presentes na avenida, por onde passa a ciclovia, são uma referência às antigas pergolas instaladas por Heitor Sanches.

O posterior loteamento e o conseqüente desenvolvimento urbano da cidade estão diretamente ligados as possibilidades de acesso que esses caminhos trouxeram.



Figura 5 - Ponte Pênsil.  
FONTE: Museu da Cidade.



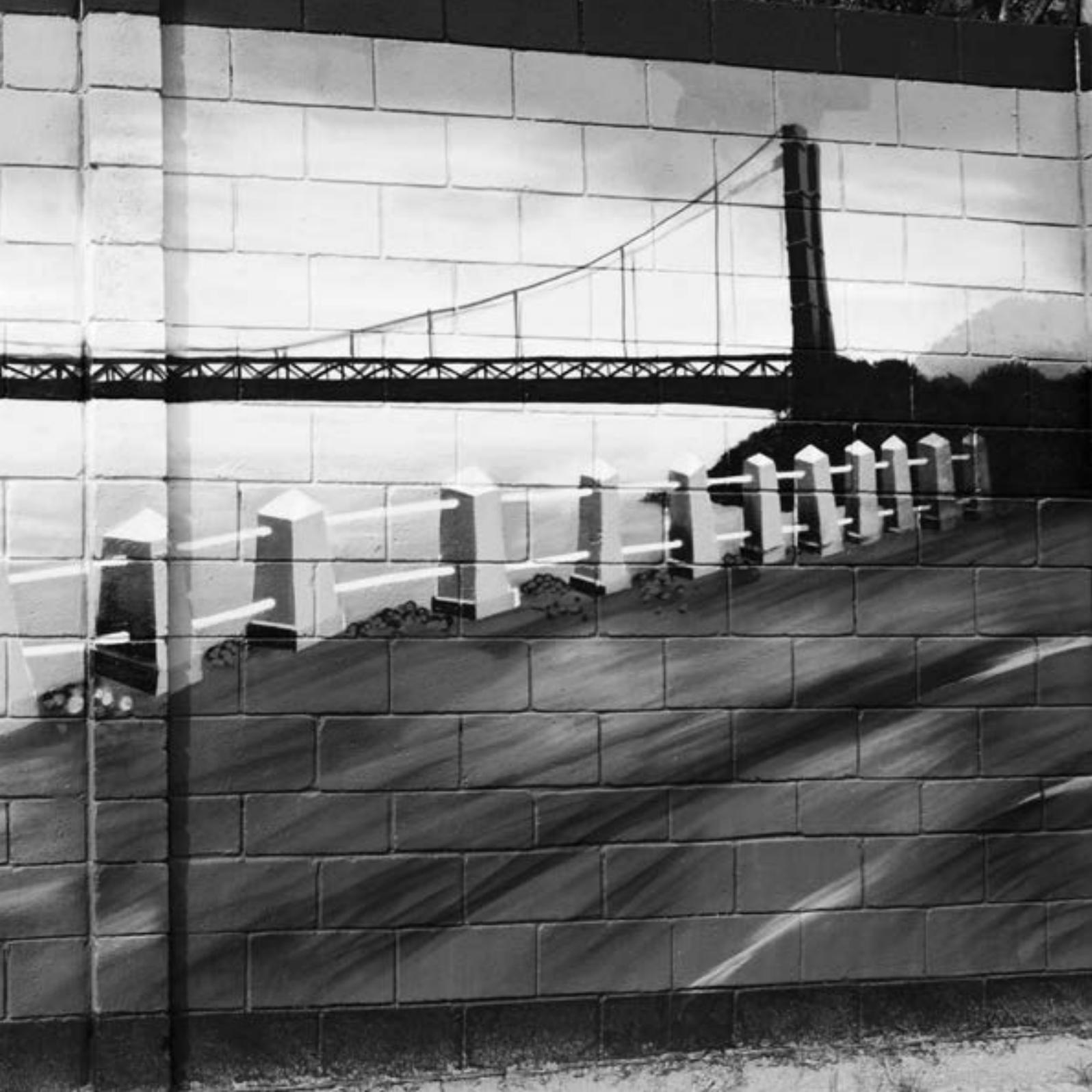




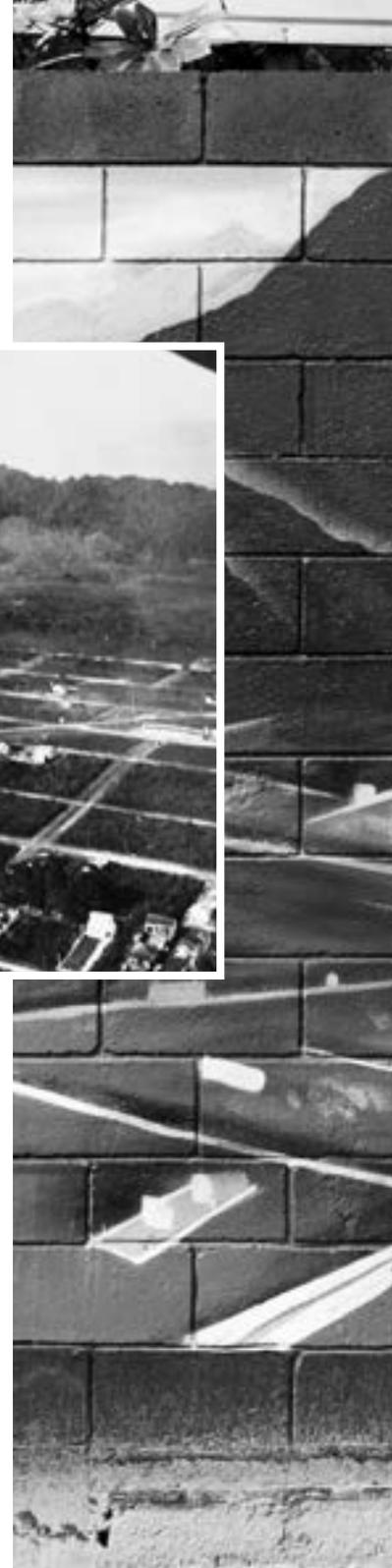
Figura 6 - Pergolas.  
FONTE: Museu da Cidade.





Figura 7 - Loteamento  
Jd. Mathilde.

A vista aérea de um dos primeiros loteamentos da cidade, no início do século XX, mostra a paisagem antes do processo de verticalização, do aumento demográfico significativo e do fluxo de pessoas que se estabeleceram no município nas últimas décadas.





# Sujeitos, cultura e representações

Nas décadas de 1940 e 1950, nas areias da praia, circulavam grupos de pescadores caiçaras, que praticavam a pesca artesanal utilizando a técnica de “Arrastão”. A formação da cultura caiçara traz influências indígena, européia e africana. Muito dos costumes e técnicas tiveram origem no hábito e tradições indígenas, como o próprio termo, proveniente da junção de duas palavras:

Caá= mato

Içara= armadilha

As redes dos pescadores, muitas vezes puxadas por bois, outras vezes pela força humana, cobriam as areias da praia com seus peixes, uma atração para moradores e turistas.

Segundo Marcelo Afonso (2013) as “redes de arrastão eram longas, com ou sem saco no centro, que podem ser colocadas a partir da costa ou de barcos, puxadas com duas longas cordas, podem ser divididas em rede de arrasto em praia ou arrasto de barco”. Ainda segundo esse mesmo autor “técnica de pesca de origem portuguesa e adaptada no Brasil, bastante praticada no litoral paulista até meados do século XX”.



Figura 8 - Pesca na orla da praia. FONTE: Museu da Cidade



Tanto a fotografia quanto o grafite conseguem captar o cotidiano e o trabalho dos pescadores da região e a relação que o mundo do trabalho tem com o contexto social e a paisagem local.

# Serra do Mar e estrada de ferro Santos- Juquiá

Duas grandes obras, aliadas à construção da Ponte Pênsil, contribuíram para a o início da procura das praias de Praia Grande pelos turistas: a recuperação da “Estrada do Mar”, em 1913 e a construção do trecho Ramal Santos-Juquiá, da estrada de ferro São Paulo Railway, entre 1912 a 1915.

A história da Estrada de Santos, conhecida como “Caminho do Mar”, teve início em 1560, quando Mem de Sá encarrega os Jesuítas de abrir um novo caminho ligando a Capitania de São Vicente ao Planalto Piratininga. Somente em 1789, Bernardo José de Lorena, governador da Capitania, determina a recuperação do “caminho do Mar” com a pavimentação, lajes de granito, no trecho da serra, a chamada “Calçada do Lorena”. Em 1837, é construída a “Estrada da Maioridade”, usando parte do traçado da Serra do Mar (SIQUEIRA, CÁLIS, RODRIGUES E SILVA, 2002).

Após a construção, no ano de 1867, da linha ferra, a estrada foi abandonada, sendo recuperada em 1913.



Figura 9 - Descida  
da Serra do Mar.  
FONTE: Museu da Cidade.



Figura 10 - Estação Solemar.  
FONTE: Acervo Pessoal da dn.  
Marina Seco de Carvalho.

A estação Solemar fazia parte do Ramal da linha férrea Santos-Juquiá, construída nos anos de 1912 a 1915, com o intuito de interligação da produção agrícola da região sul do Estado com o porto de Santos e o planalto. A linha férrea foi fundamental para interligar as comunidades do Vale do Ribeira ao Porto de Santos, que se deslocavam por vias fluviais até Juquiá, para o desenvolvimento da colônia japonesa fundada através do acordo do Estado com a Kaigai Kagyo Kabushiki Kaisha, mais conhecida como KKKK, que experimentou a cultura do chá, café, bicho da seda; sendo fundamental também no escoamento da produção de banana, principalmente na segunda metade do século XX, bem como fazer o transporte de pessoas para o litoral sul até meados da década de 1990, quando passou a operar apenas com transportes de cargas. Foi desativada definitivamente no ano de 2002.

O senhor Julio Seco de Carvalho, loteador do bairro Solemar e um dos participantes do movimento de emancipação da cidade, doou parte do seu terreno para a construção da estação Solemar, um ponto de parada para o crescente bairro que ali se formava.

Estes caminhos, rodoviários e ferroviários, foram determinantes para o início do desenvolvimento e da vocação turística da cidade de Praia Grande.





SUEMAR

Por muito tempo o transporte realizado em Praia Grande utilizava em alguns trechos as areias da praia como percurso. Esta situação, resultado da falta de infraestrutura na malha viária, ocasionava vários problemas para motoristas e passageiros e, principalmente, danos ao meio ambiente.

Segundo relatos da população, muitas famílias complementavam a renda ajudando a retirar os carros e ônibus que atolavam na areia.

Não só o transporte público, mas também caminhões carregados de bananas, carros de bois e particulares dividiam as areias com moradores e turistas.



Figura 12 - Turistas na praia.  
FONTE: HistoriadorPG. Acesso em: <https://www.facebook.com/historiadePG?fref=ts>







Figura 13 - Ônibus na praia.  
FONTE: <http://www.praia-grande.sp.gov.br>.



PRAIA

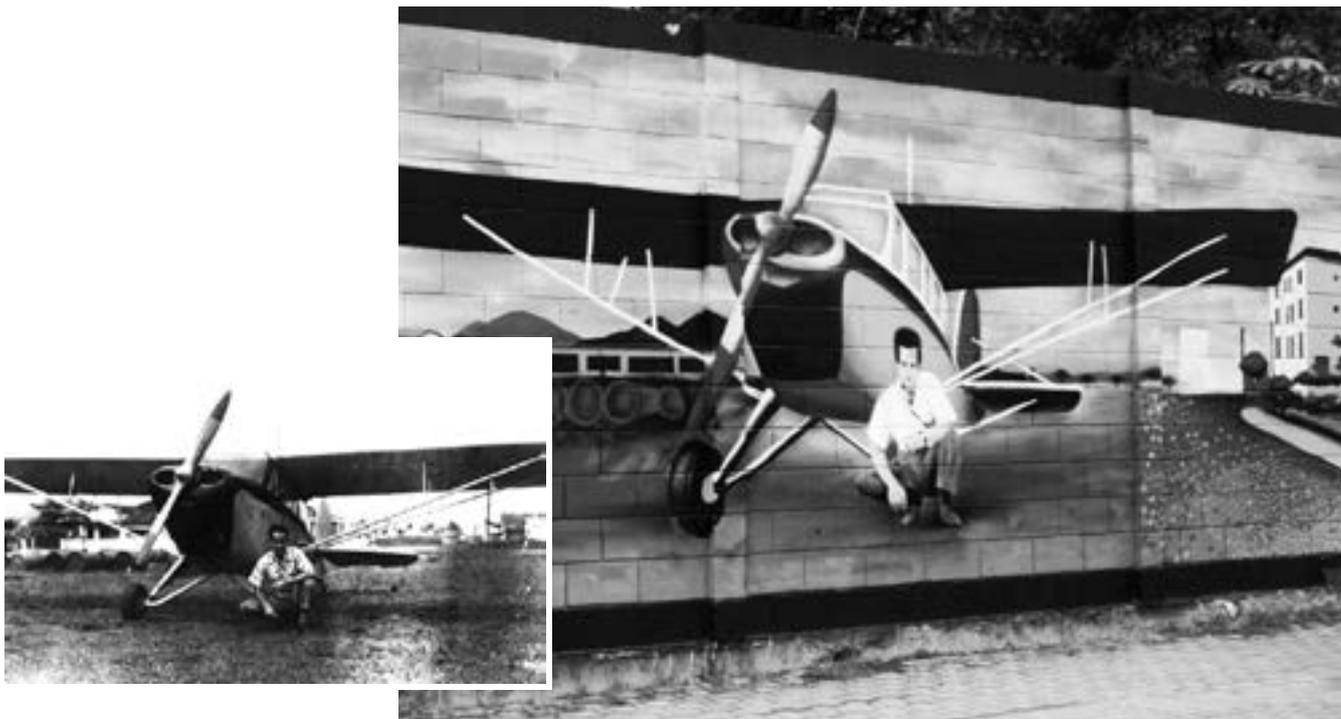
PRAIA

# Campo da aviação - Bairro Aviação

A história do bairro Aviação está relacionada ao Campo da Aviação. Construído no início do século XX como campo de pouso para a Aeropostale, primeira empresa a construir campo de pousos no litoral brasileiro.

A Compagnie Generale Aeropostale, fundada em 1919 na França, tinha por finalidade estabelecer linhas de conexão para o serviço postal aéreo. Dentre seus pilotos destacam-se os nomes de Antoine de Saint Exupéry e Jean Mermoz, este último, aterrizou no campo da Aviação em 15 de maio de 1930.

Em depoimento à Associação Memória da Aeropostale no Brasil (AMAB), no ano de 2013, o Sr. Carlos Cirilo, relata que as terras onde foi construído o Campo de pouso, pertenciam a seu avô, que vendeu parte delas a Compagnie Generale Aeropostale, que além de correspondências realizava o transporte de amostras de café da Bolsa de Café em Santos. Em 1939 a Aeropostale é incorporada pela Air France.



Apesar de falta de registros sobre a passagem do escritor francês de O Pequeno Príncipe, Antoine Saint-Exupéry, pelo Campo da Aviação, com o passar dos anos, através da tradição oral, a informação de que aqui esteve passou de geração em geração e se constituiu em elemento do imaginário popular da cidade. Segundo artigo de Mariana Ferreira para a Revista Santa Catarina em História (2013). O que se tem de registro é que a passagem de Saint-Exupéry na América do Sul por apenas um ano e quatro meses, exatamente entre outubro de 1929 a 31 de janeiro de 1931.

Saint-Exupéry não poderia ter passado por Praia Grande, uma vez que a documentação demonstra que não havia escalas de voo para a região nesse período. De qualquer forma, Saint-Exupéry está presente no imaginário popular da cidade.

Figura 14 - Campo da Aviação. Figura 15.  
FONTE: HistoriadorPG.  
Acesso em:  
<https://www.facebook.com/historiadePG?fref=ts>

# Bairro da Ocian

O bairro Ocian foi fundado por meio de um projeto pioneiro, ousado e de vanguarda, quando, no início da década de 1950, Roberto Andraus iniciou a construção da então Cidade Ocian, nas terras do antigo Sítio Ubatuba. Estas terras pertenciam a dona Maria da Conceição Silva, herdada de sua avó, que havia sido escrava. Em 1946, foram vendidas à Nagib Saeg e, posteriormente, a Roberto Andraus (SIQUEIRA, CÁLIS, RODRIGUES E SILVA, 2002).

Após a compra das terras, o Dr. Andraus iniciou as obras do conjunto de prédios que veio a se chamar bairro Ocian, cujo significado é Organização Construtora e Incorporadora Andraus. No ano de 1956, esta empresa inaugurou um conjunto de 22 prédios com 1350 apartamentos que deram origem ao bairro.

Um dos marcos do bairro é a estátua de Netuno. Na antiga mitologia Greco-romana, Poseidon ou Netuno era o Deus do mar e das águas. Além da estátua, outro marco significativo do bairro era a caixa d'água, uma vez que servia como ponto de referência tanto para os moradores, como para os visitantes, pois segundo relatos, era visível em quase toda a extensão da atual Via Expressa Sul.



Figura 16 - Cidade OCIAN.

FONTE: <http://www.praia grande.sp.gov.br>.







Figura 17 - Netuno.  
FONTE: <http://www.praia grande.sp.gov.br>. Fotografia de Marcelo Guedes.

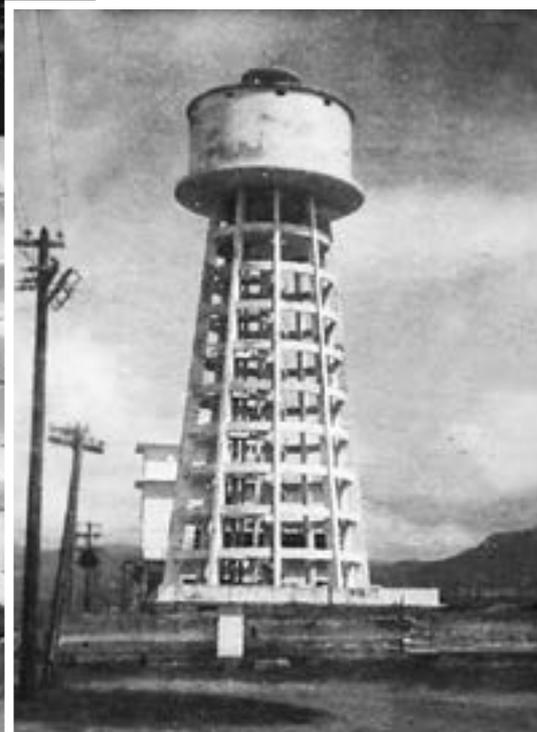


Figura 18 - Caixa d'água.  
FONTE: Museu da Cidade.

# História, cultura e religião

Segundo documentos do acervo histórico do Museu da Cidade, localizado no Palácio das Artes, a Capela Nossa Senhora da Guia foi construída na segunda metade do século XX como parte integrante do loteamento Intermares. Localizada na Área de Lazer Éezio Dall'Acqua, a capela compõe a linda paisagem do local e destaca-se pela simplicidade de sua arquitetura.

Na parte de traz da capela encontramos vestígios das ruínas do Caminho do Rei, um dos caminhos mais antigos da cidade, que ligava o Porto do Campo, antigo trapiche, ao Porto do Rei (atual bairro do Boqueirão) (SIQUEIRA, CÁLIS, RODRIGUES E SILVA, 2002). Caminho indígena, por ele também passaram escravos em fuga e jesuítas. A presença da capela marca a transição de dois períodos distintos da história de Praia Grande da qual o projeto História e Traços de Praia Grande procurou representar: De um lado o passado anterior ao século XX, marcado pela presença dos índios da região e pelas andanças dos padres jesuítas por todo o litoral em busca dos aldeamentos, do outro, o loteamento do século XX, onde se insere a construção da capela.

Patrimônio histórico, cultural e religioso do município, seu valor de memória insere-se no conceito de valorização da memória contemporânea, e por sua significação à comunidade em que está inserida.



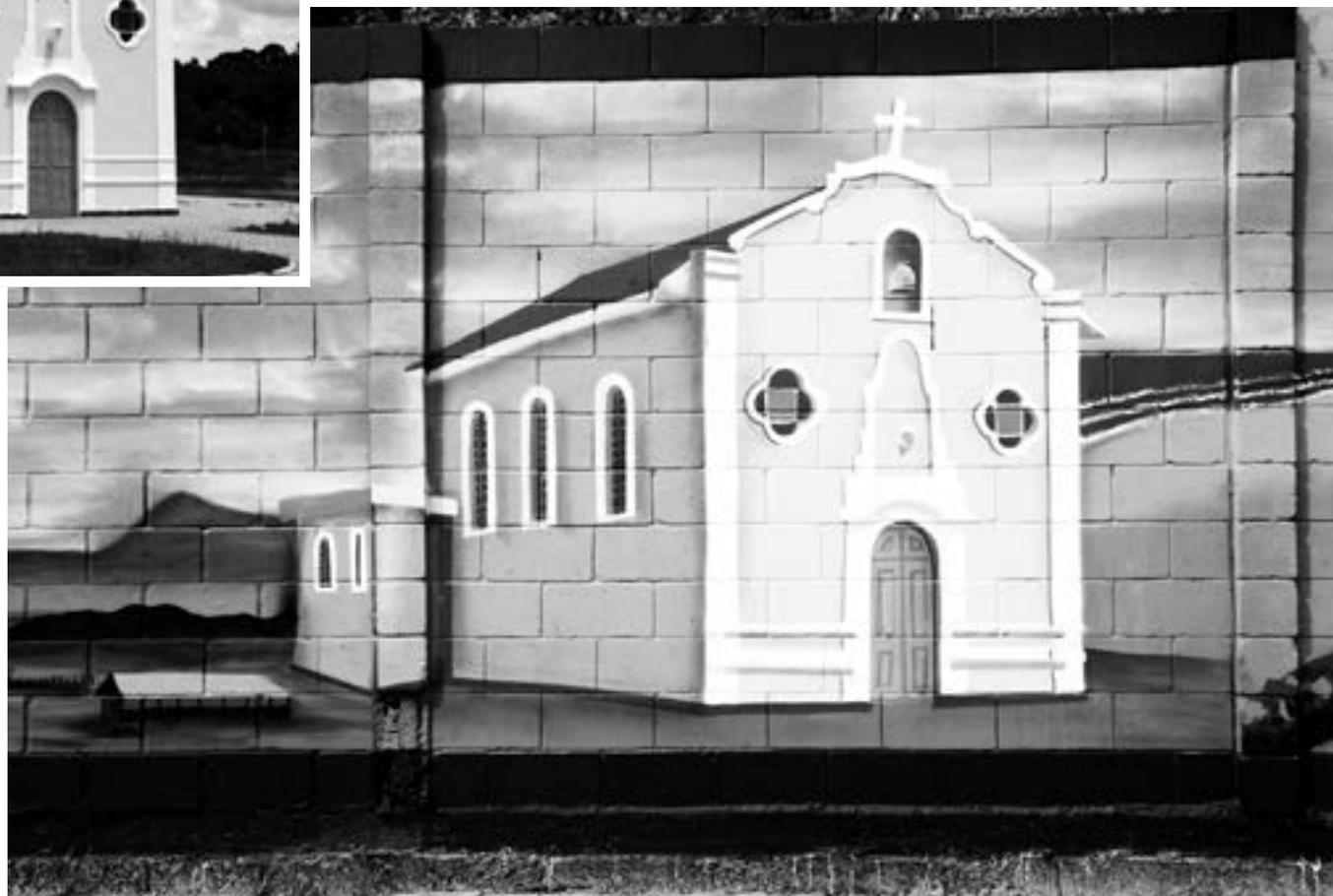


Figura 19 - Capela Nossa  
senhara da Guia.  
FONTE: Museu da Cidade

# Calçamento da orla

Com o crescimento da cidade, foram necessárias novas vias de acesso para o trânsito local. Não era mais possível manter os veículos circulando pela faixa de areia, tendo em vista o alto número de veículos que ficavam atolados e acabavam engolidos pelo mar com a subida das marés. Além do impacto ambiental, discussão que aos poucos ia ganhando espaço com a urbanização da cidade. Assim foi calçada a avenida da orla da praia Presidente Castelo Branco, antiga avenida Beira Mar.

Inicialmente, na década de 1970, era uma via de terra batida. Na década de 1980 recebeu os bloquetes hexagonais. A transformação na paisagem e a presença dos bloquetes deixaram marcas de transformação. Praia Grande nesse período já se diferenciava das décadas anteriores, com bairros loteados, a multiplicação dos prédios mais altos e o calçamento de ruas e avenidas utilizando esse tipo de material.

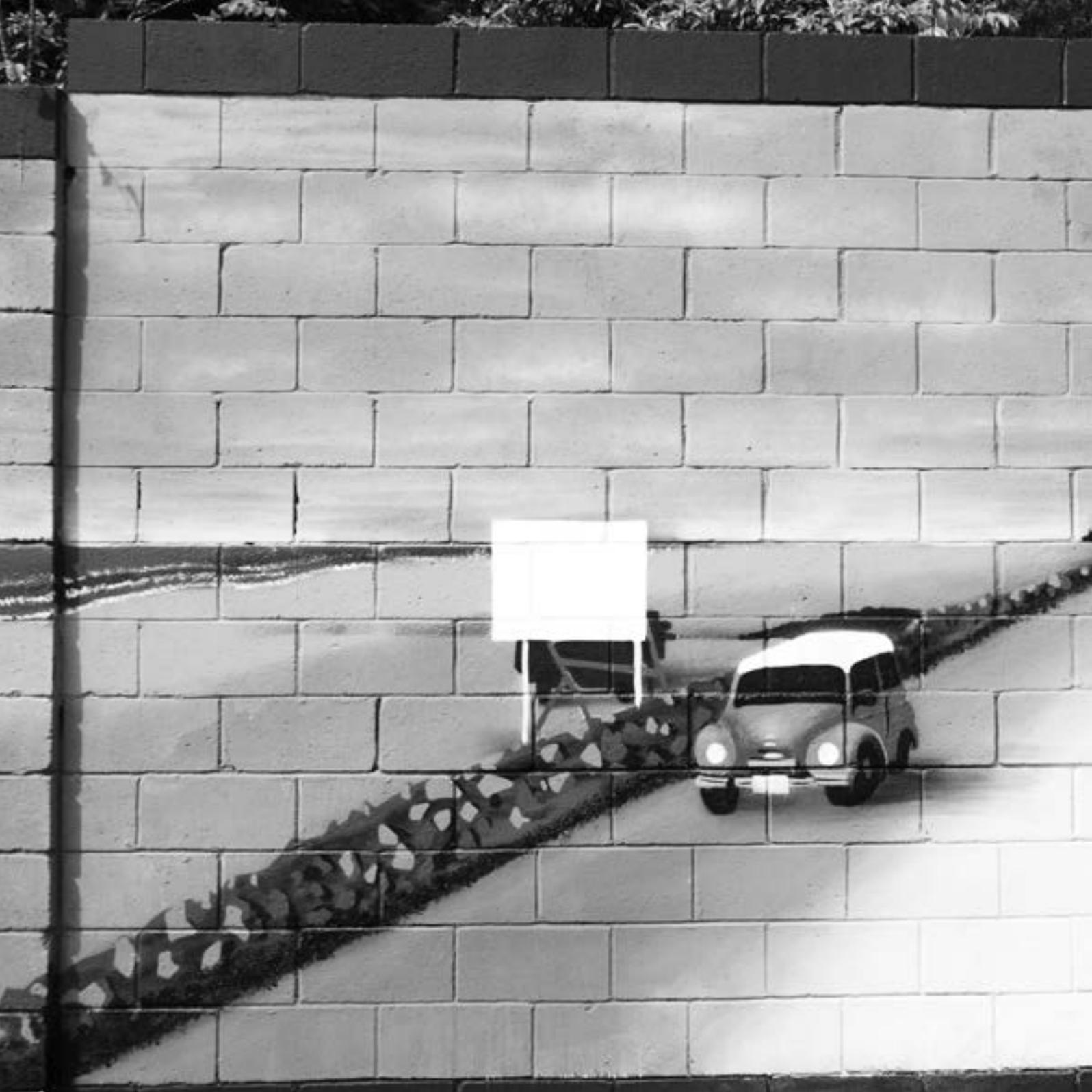
Para não perder o símbolo dessas transformações, os artistas mesclaram os dois períodos através de duas imagens. Com isso é possível perceber nas construções ao fundo a verticalização que transformaria significativamente a paisagem da cidade.



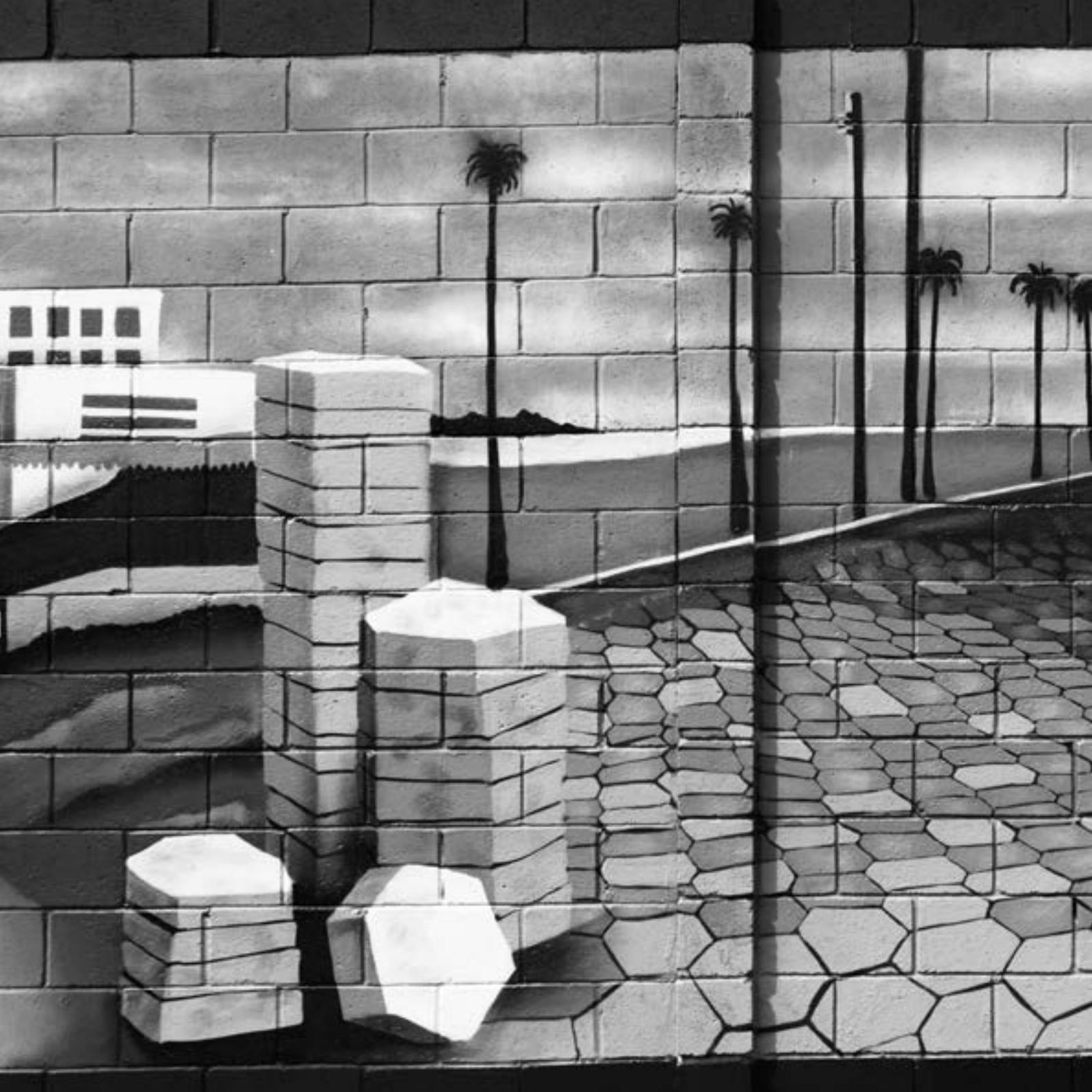
Figura 20 - Av. Castelo Branco.  
FONTE: Museu da Cidade.



Figura 21 - Calçamento  
da Av. Castelo Branco.









# Portal da entrada da cidade

Construído na década de 1990, o Portal da Entrada da cidade, representou um marco às transformações urbanísticas iniciadas nesse período recente da história da cidade. Foi um símbolo enquanto referência da identidade territorial, pertencimento e representação, uma via de acesso entre o material e o simbólico, entre o sujeito e seu meio, possibilitou revelar aquilo que estava além da relevância material, assumindo simbólica expressão no município, sobre mudanças no modo de organização e de ocupação no espaço urbano.



Figura 22 - Portal da Cidade.  
PONTE: <http://www.praiagrande.sp.gov.br>



# Memória do tempo presente

Hoje, a noção de patrimônio está inserida não só no passado, mas com a vida das pessoas que moram na cidade, lugar de cidadania e do cidadão, nesse sentido, a modificação do espaço urbano, para cumprir as exigências contemporâneas, possui uma dimensão social, acompanhada do respeito ao seu percurso histórico, na união do passado e do presente ao recriar a imagem da cidade, conferindo ao bem cultural uma perspectiva de uso social.

O patrimônio também é memória do tempo presente, o patrimônio que se encontra nas práticas cotidianas, como o andar de bicicleta nas ciclovias, na prática de lazer no espaço “Ézio Dall” Acqua, nas pistas de skate e de atletismo, na prática do surf, no ir e vir do fluxo dos carros de moradores e turistas na Rodovia Expressa Sul.

Novas referências espaciais e temporais, que vão compondo uma nova teia na construção de identidades e de pertencimento. Dessa maneira, a memória e a compreensão das relações do passado é peça essencial para se concretizar a prática de uma ação cidadã na sociedade. Ser e pertencer significa construir e reconstruir as relações sociais no meio, no caso, na cidade de Praia Grande.



Figura 23 - Ciclovia da Praia.  
FONTE: <http://www.praia grande.sp.gov.br>





Figura 2h - Portinho.  
FONTE: <http://www.praia grande.sp.gov.br>







Figura 25 - Pista de skate.  
FONTE: <http://www.praia grande.sp.gov.br>



Figura 26 - Via Expressa Sul.  
FONTE: <http://www.praia grande.sp.gov.br>









## Referências

AFONSO, Marcelo. História de pescador: um século de transformações técnicas e socioambientais na pesca do caiçara no litoral de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

SIQUEIRA, Fátima Valéria; CÁLIS, Magna Flora; SILVA, Mônica Solange Rodrigues e. Paisagens da Memória: História de Praia Grande. Prefeitura da Estância Balneária de Praia Grande: Praia Grande, 2002.

FERREIRA, Mariana. A legitimação de uma História sem Registro. In: Revista Santa Catarina em História. Florianópolis UFSC- Brasil ISSN 1984- V.7 N 2. 2013.





PRAIA GRANDE